

1.

## Introdução

Analisar a relação do surdo com a língua portuguesa tornou-se foco de nosso interesse desde que tivemos contato com um indivíduo surdo, há cerca de 15 (quinze) anos atrás.

Na oportunidade, sentimos uma enorme dificuldade em comunicarmo-nos com aquele indivíduo, verificando que nos faltava conhecimento específico de uma outra língua, que até então, jamais sonhávamos que existisse, a língua de sinais.

A partir daí, iniciamos pesquisas e leituras sobre a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, fizemos cursos, participamos de seminários, congressos, palestras, etc, sempre buscando nessas fontes aprender a LIBRAS, a fim de que este aprendizado nos propiciasse a comunicação com a comunidade surda.

Cientes de que nossa formação como educadora prevê não só deter conhecimentos lingüísticos e passá-los adiante, mas também pesquisar o porquê do não envolvimento de determinados indivíduos ou grupos de indivíduos de nossa sociedade com a expressão, a comunicação em língua portuguesa, seja ela oral ou escrita, decidimo-nos por pesquisar com mais profundidade a relação do surdo com o processo ensino-aprendizagem do português.

Observamos que ensinar uma língua em sua modalidade escrita para alunos ouvintes que detêm, *a priori*, todas as possibilidades físicas e lingüísticas para aprendê-la, já que estes trazem uma bagagem lingüística imprescindível para a sedimentação do aprendizado, ou seja, trazem conhecimentos posteriores àquele momento de aprendizagem que os subsidiarão na aprendizagem do “novo”, demanda esforço para ambos os participantes dessa interação, ou seja, professores e aprendizes. Mas, quando nosso foco recai sobre o indivíduo surdo, encontramos barreiras, dificuldades, pois estes não falam com eficiência e desconhecem a estrutura lingüística da língua que estão aprendendo, no nosso caso, a língua portuguesa, e percebemos que o enfoque dado a esse processo necessita ser repensado, reavaliado. Nessa direção, o primeiro passo é considerar a língua de sinais como língua materna ou primeira língua do surdo e a efetivação do processo ensino-aprendizagem do português como segunda língua para estes indivíduos.

O estudo que apresentamos tem por objetivo investigar como indivíduos que apresentam diferentes graus de surdez lidam com o conhecimento e uso dos elementos conectores conjuntivos em língua portuguesa *como* (causal), *embora*, *mas* e *porque* (causal).

## 1.1

### Tema/problema

Partindo do conceito de Língua Materna ou Primeira Língua (L1) como aquela que se aprende, adquire geralmente na infância em uma situação de comunicação natural, ou seja, de forma espontânea e natural no ambiente familiar, sendo a língua usada pela maioria da comunidade lingüística na qual o indivíduo se insere (Savedra e Heye, 1995), podemos dizer que a LIBRAS, ou Língua Brasileira de Sinais, é a língua materna dos surdos brasileiros.

Ressaltamos que, em muitos casos, o surdo não adquire a língua de sinais na infância, como seria o ideal, nem com os seus familiares e esta nem mesmo é usada pela maioria da comunidade lingüística na qual o surdo se insere. Mas, assumimos nesta pesquisa, que a LIBRAS é considerada a primeira língua do surdo brasileiro, uma vez que é a língua na qual a comunidade surda brasileira se expressa.

A LIBRAS teve sua origem no Alfabeto Manual Francês que chegou ao Brasil em 1856 através da visita de um surdo francês ao nosso país. A língua de sinais apresenta-se na modalidade espaço-visual, pois sua realização não é estabelecida através do canal oral-auditivo, mas através da visão e da utilização do espaço (Quadros, 1997).

A LIBRAS é composta de todos os componentes pertinentes às línguas orais, sendo considerada instrumental lingüístico de poder e força para os surdos brasileiros por possuir todos os elementos classificatórios identificáveis de uma língua e necessita de aprendizado, como qualquer outra língua.

Favorito afirma que

Através da pesquisa lingüística, as línguas de sinais ganharam *status* de língua e como tal vêm sendo descritas e analisadas. Todos os estudos realizados até o momento confirmam que essas línguas têm gramáticas independentes formadas de acordo com as

demandas de comunicação em uma modalidade espaço-visual. As línguas de sinais são sistemas lingüísticos com os mesmos níveis de organização das línguas orais (sintático, morfológico, semântico, fonológico). (Favorito, 1996:12-13)

Ressalta a autora que as línguas de sinais atendem plenamente às necessidades comunicativas de seus usuários dentro de contextos e situações específicas.

Foi na década de 60 que as línguas de sinais começaram a ser estudadas e analisadas, passando então a ocupar um *status* de língua por serem consideradas línguas vivas e autônomas.

Pesquisas feitas com filhos surdos de pais surdos estabelecem que a aquisição precoce da língua de sinais dentro do lar é um benefício, sendo que esta aquisição contribui para o aprendizado da língua oral – no nosso caso, o português – como segunda língua para os surdos. Várias pesquisas comprovam que o aprendizado da língua oral como primeira língua não favorece, como se pensava anteriormente, a verdadeira integração do surdo no mundo ouvinte, uma vez que este surdo era visto como um pseudo-ouvinte sem estar integrado no seu próprio mundo (Quadros, 1997).

Já o caso de surdos filhos de pais ouvintes tem características diferentes. Quadros (1997:29) levanta a seguinte questão: “...como uma criança surda, filha de pais ouvintes que nunca viram a língua de sinais, não conhecem pessoas surdas e nem imaginam o que fazer para comunicarem-se com seu filho, vai adquirir a sua primeira língua?”

Para a autora, esse é um dos grandes obstáculos para o desenvolvimento psicossocial da criança surda, assim como para a eficiência do processo ensino-aprendizagem da língua portuguesa, uma vez que a criança surda nasce num ambiente que não favorece o desenvolvimento de sua primeira língua, ou seja, a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais. Dessa forma, nega-se à criança o direito de ter acesso à aquisição de uma língua de forma natural.

Fernandes (2003) traça um perfil das línguas de sinais, caracterizando a língua de sinais brasileira nos planos fonológico<sup>1</sup>, morfológico, sintático e semântico-pragmático, ratificando a condição da LIBRAS como uma língua verdadeira já que organiza-se como uma língua oral.

---

<sup>1</sup> Segundo Fernandes (2003:40), a fonologia, nas línguas de sinais, é representada pela querologia que, por sua vez, é representada pelos queremas, através da articulação dos sinais.

A autora afirma que

As línguas de sinais são sistemas abstratos de regras gramaticais, naturais das comunidades de indivíduos surdos que as utilizam. Como todas as línguas orais-auditivas, não são universais, isto é, cada comunidade lingüística tem a sua. Assim, há uma língua de sinais inglesa, uma americana, uma francesa e várias outras, em vários países, bem como a brasileira. (Fernandes, 2003:39)

Diz a autora que embora não haja, ainda, uma gramática descritiva da língua de sinais brasileira, não se pode negar que existe uma língua de sinais brasileira, e esta é a língua natural da comunidade lingüística formada pelos surdos brasileiros. Ressalta Fernandes (2003:44) que “Cabe-nos, portanto, não apenas reconhecê-la como uma língua nacional do Brasil, como também lutar pelo seu reconhecimento oficial.”

Segundo Savedra e Heye (1995), temos na Segunda Língua (L2) aquela adquirida depois da primeira (L1) em um ambiente em que esta língua, a L2, é falada nativamente, ou seja, a língua está sendo usada como meio de comunicação, constituindo uma outra “ferramenta” de comunicação para aquele que a adquire. Esta aquisição pode ocorrer tanto de forma “espontânea” (natural, informal, não tutorada) – como “guiada” – em sala de aula, formal, tutorada.

Enfim, adquirir uma segunda língua significa adquirir qualquer língua que não seja a própria língua nativa ou materna. Dessa forma, a língua portuguesa é ensinada ao surdo como L2, uma vez que esta é uma língua de modalidade oral-auditiva, diferenciando-se da LIBRAS, de modalidade espaço-visual, mas aproximando-se dela pelo fato de ambas possuírem os mesmos requisitos, como o estabelecimento dos planos fonológico, morfológico, sintático e semântico-pragmático, que as elevam ao *status* de língua. Portanto, o português, em sua modalidade escrita, é considerado a segunda língua das pessoas surdas, por possuir características próprias e exigir dos aprendizes habilidades específicas que são desenvolvidas somente quando já se tem o domínio da linguagem.

No caso dos surdos, este domínio se dá através da língua de sinais. Por isso, ressaltamos que, para o surdo, é fator preponderante ter a LIBRAS como primeira língua desde a mais tenra idade para auxiliá-lo na aquisição do português como segunda língua, uma vez que ela lhe dá o instrumental lingüístico necessário para o processamento da aprendizagem de uma segunda língua - no caso - o por-

tuguês, a fim de ser capaz de empregar os elementos conectores conjuntivos em seus contextos específicos.

Diante do exposto, apresentamos o problema a ser tratado neste trabalho, ou seja, o emprego por surdos dos elementos conectores conjuntivos *como* (causal), *embora* (concessiva), *mas* (adversativa) e *porque* (causal) em língua portuguesa.

Na escolha dos elementos a serem pesquisados, levamos em conta o conhecimento dos surdos de alguns desses conectores que também são encontrados na LIBRAS, assim como optamos por outros que consideramos importantes para a coerência de um texto.

Fernandes nos diz que

... em língua de Sinais, existem as conjunções **mas**, **por exemplo**, **porque** (causal e explicativa) e **como** (conformativa e comparativa). As conjunções **ou** e **se** são usadas apenas através de recurso datilológico, o que acusa empréstimo da Língua Portuguesa. Isto significa que as demais conjunções, em português, são, para os usuários naturais da Língua de Sinais (...), instrumentos de comunicação adquiridos apenas para uso de L2 (segunda língua) não só em termos sintáticos, mas, mesmo lexicais, uma vez que os recursos correspondentes em Língua de Sinais não as incluem. (Fernandes, 1995:448 - grifos da autora)

Ressalta a autora que, mesmo entre os informantes surdos com um bom nível de escolaridade, há o desconhecimento do sentido de várias das conjunções da língua portuguesa. Este fato ocorre pelo fato de a LIBRAS e a língua portuguesa apresentarem estruturação distinta. Enquanto o português é de estruturação analítica, a LIBRAS é de estruturação sintética, uma vez que “apresenta recursos de construção frasal significativamente diferentes, determinando maior grau de dificuldade de compreensão das características da Língua Portuguesa, a maioria das vezes aprendida como L2 por esses usuários, em idade tardia.” (Fernandes, 1995:448)

Fernandes (2003) faz uma alteração na afirmativa citada acima, observando que, na época em que os dados foram coletados para esta pesquisa, apenas as conjunções *mas*, *por exemplo*, *porque* (causal e explicativa) e *como* (conformativa) tinham correspondência em língua de sinais. Já as conjunções *ou* e *se* apre-

sentam-se através de recurso datilológico, embora possam ser consideradas como um “sinal” no discurso.

Afirma Fernandes (2003) que as línguas de sinais são sintéticas e, por esta razão, não têm artigo e determinadas classes de palavras como preposições e conjunções não possuem tantos elementos como verificamos na língua portuguesa. Por isso, acrescenta a autora que

Estas são algumas características que fazem com que um leigo a julgue “uma língua pobre” ou “telegráfica”, ou mesmo a descaracterize como língua. Para o especialista, no entanto, esses traços a definem apenas como língua sintética, aproximando-a das línguas clássicas, jamais desprestigiadas pela imposição de seu *status* histórico. (Fernandes, 2003:42)

Atualmente, das conjunções pesquisadas não encontramos correspondência em sinais para o conector *como* (causal) e *embora* (concessiva), pois esta não é uma classe de prestígio para os surdos, informantes desta pesquisa, sendo desconhecida pela maioria deles e até mesmo pela professora destes, também surda. Os elementos *mas* (adversativa) e *porque* (causal) são mais conhecidos e empregados pelos informantes tanto em LIBRAS quanto em português, como podemos comprovar na análise dos dados. Portanto, observamos que o quadro atual relativo às conjunções em língua de sinais, em relação ao quadro apresentado por Fernandes (1987), não se modificou, uma vez que para os conectivos *como* e *embora*, os informantes pesquisados admitiram desconhecer-lhes o sinal em LIBRAS, enquanto os conectivos da língua portuguesa *mas* e *porque* encontram correspondência em língua de sinais.

Cabe ressaltar que, na língua de sinais brasileira, assim como as preposições e a marcação de número, as conjunções estão incorporadas na utilização dos classificadores. Estes “desempenham um papel importante nas línguas de sinais e se caracterizam por ‘gestos que poderiam ser considerados socialmente instituídos.’ Destacam-se por sua iconicidade e não são considerados, propriamente, palavras.” (Fernandes, 2003:43)

Santos Filha (1996) informa que, segundo Brito (1993), o fato de a língua de sinais ser mais sintética que a língua portuguesa, não implica que aquela seja estruturalmente menos complexa. No caso da língua de sinais, o sintetismo ocorre porque as informações gramaticais são incorporadas ao próprio sinal. Os classifi-

cadores “baseiam-se em configurações de mão(s) e movimento, que denotam características percebidas ou imputadas àquilo a que se referem (forma de um objeto ou maneira de segurar um objeto), tendendo, por isso, a serem muito icônicos.” (Santos Filha, 1996:34).

Gramaticalmente, um classificador é um morfema que, afixado a um item lexical, atribui-lhe a propriedade de pertencer a uma determinada classe. Brito (1995:102) cita Allan que explica que “um classificador é concatenado com um quantificador, demonstrativo ou predicado para formar um elo que não pode ser interrompido por um nome que ele classifica.” Portanto, os classificadores das línguas de sinais parecem ser do tipo predicado e podem funcionar como nome, adjetivo, advérbio de modo ou locativo.

Isto posto, observamos que o surdo apresenta dificuldades com o léxico e falta-lhe o domínio das estruturas sintáticas da língua portuguesa. Para Fernandes (2003), a dificuldade na compreensão das palavras é o maior empecilho ao seu desenvolvimento em língua portuguesa, pois não entende e, muitas vezes, desconhece ou confunde determinadas palavras. Este fato é visível quanto ao emprego dos elementos conectores conjuntivos, uma vez que o surdo, muitas vezes, desconhece o sentido de várias das conjunções da língua portuguesa, como podemos observar na análise dos dados.

Segundo Fernandes (2003), este fato ocorre porque o surdo é menos exposto ao léxico do que o ouvinte, não só porque não ouve as palavras, mas porque não tem o hábito de ler por apresentar dificuldades de leitura, restringindo-lhe o domínio do léxico, mesmo daquele empregado cotidianamente, e isso torna-se um círculo vicioso de falta de leitura acarretando dificuldades quanto ao conhecimento e compreensão, podendo estender-se por toda a vida. Por outro lado, se o surdo for exposto continuamente a um determinado vocábulo, não terá dificuldades em reproduzi-lo de forma ortograficamente correta e adequar o seu significado ao contexto.

Na análise<sup>2</sup> feita pela autora com 40 (quarenta) surdos, esta encontrou o uso de *mas* (adversativa), *e* (aditiva) e frases assindéticas; *porque* (causal), não tendo feito nenhum registro de emprego de *embora* (concessiva).

---

<sup>2</sup> Verificar análise completa em *Problemas lingüísticos e cognitivos dos surdos*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

A fim de situar os elementos pesquisados, descrevemos, abaixo, as suas características sintáticas, conforme a Tradição Gramatical:

*a - porque e como* são classificados como *conjunções subordinativas causais* que se caracterizam por ligar duas orações, sendo que a segunda contém a causa e a primeira, o efeito.

*b- mas* é apresentado como um vocábulo pertencente ao conjunto das *conjunções coordenativas adversativas*, aquelas que ligam pensamentos que contrastam entre si.

*c- embora* é enquadrado nas *conjunções subordinativas concessivas* que ligam duas orações, sendo que a segunda contém um fato que não impede a realização da idéia expressa na oração principal, embora seja contrário àquela idéia.

Dessa forma, verificamos que dadas as especificidades da LIBRAS e do português, o conhecimento e uso dos elementos conectores conjuntivos representa uma dificuldade a mais no processo de ensino-aprendizagem do português como segunda língua para surdos, uma vez que a conjunção se apresenta na língua de sinais – LIBRAS - de forma diferente daquela do português e ainda pelo fato de que não são todas as conjunções que podem ser encontradas na LIBRAS, conforme vimos acima.

Neste trabalho, propomos uma pesquisa que nos levará à análise do conhecimento e emprego pelos indivíduos surdos dos elementos conectores conjuntivos do português.

## 1.2

### Objetivos

#### 1.2.1

##### Objetivo geral

Tendo como tema de nossa pesquisa o relacionamento dos indivíduos surdos com o processo ensino-aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua, pretendemos analisar a produção escrita dos mesmos (através da aplicação de testes), a partir do reconhecimento da língua de sinais como primeira língua da pessoa surda. Observar-se-ão as estratégias semântico-pragmáticas relevantes no resultado do emprego dos elementos conectores conjuntivos por estes sujeitos.

Dessa forma, pretendemos analisar o domínio lingüístico que os informantes surdos têm do português no emprego dos elementos conectores conjuntivos causais, adversativos e concessivos em seus contextos específicos, dadas as especificidades inerentes à LIBRAS e à língua portuguesa.

### 1.2.2

#### Objetivos específicos

- verificar se existe relação entre o conhecimento e uso do português e da LIBRAS no desempenho dos informantes surdos no emprego dos elementos conectores conjuntivos *como, embora, mas e porque* (causal) em língua portuguesa;

- verificar se existe relação entre o grau de surdez e o emprego dos elementos conectores conjuntivos *como, embora, mas e porque* (causal) em língua portuguesa;

- verificar se existe relação entre o nível de escolarização dos surdos e o emprego dos elementos conectores conjuntivos *como, embora, mas e porque* (causal) em língua portuguesa;

- verificar se existe relação entre o tipo de teste e o emprego dos elementos conectores conjuntivos *como, embora, mas e porque* (causal) em língua portuguesa;

- verificar se há preponderância do fator semântico no emprego por surdos dos elementos conectores conjuntivos *como, embora, mas e porque* (causal) em língua portuguesa.

### 1.3

#### Hipóteses

- o desempenho lingüístico dos surdos no emprego dos elementos conectores conjuntivos do português está relacionado com o grau de surdez, independentemente do grau de domínio da LIBRAS;

- o bom desempenho em LIBRAS é um fator determinante na aquisição dos conectores do português como segunda língua. A língua de sinais é a primeira língua de muitas pessoas surdas e, conseqüentemente, o português, a segunda língua destes indivíduos. Ao considerarmos que a língua materna dos surdos é a lí-

gua de sinais, partimos do princípio de que estes são capazes de usar com competência a LIBRAS e, por conseqüência, o português, língua da comunidade majoritária, quando esta é ensinada como segunda língua;

- o emprego dos elementos conectores conjuntivos do português pelos surdos está relacionado com o nível de domínio desses elementos na LIBRAS e no português, e o conseqüente emprego destes em seus contextos específicos, dado o nível de escolarização dos informantes;

- o fator semântico se mostra relevante na aquisição e uso pelos surdos dos elementos conectores conjuntivos do português.

## 1.4

### **Divisão do trabalho**

O presente trabalho caracteriza-se como uma investigação acerca do conhecimento e emprego dos elementos conectores conjuntivos do português por sujeitos com diferentes graus de surdez, matriculados no ensino fundamental em uma escola da rede particular de ensino com a abordagem pedagógica do bilingüismo.

Nos próximos capítulos, apresentamos o percurso trilhado neste estudo. O capítulo 2 trata do ensino do português como língua estrangeira ou segunda língua, proporcionado-nos uma visão geral do mesmo, quando este é voltado para ouvintes estrangeiros e, especificamente, quando o enfoque recai no processo ensino-aprendizagem do português como segunda língua para surdos. Ainda neste capítulo, contextualizamos o ensino de português como segunda língua no Centro Educacional Pilar Velazquez, onde realizamos nossa pesquisa, apresentando um histórico da escola, sua abordagem pedagógica, ou seja, o bilingüismo, pela qual pauta o ensino de língua portuguesa e, ainda, apresentamos os profissionais que nela atuam.

No capítulo 3, expomos os pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa realizada. Enfocamos a visão da tradição gramatical no que diz respeito às conjunções, ou seja, os elementos conectores conjuntivos *como*, *embora*, *mas* e *porque*, objeto de análise deste estudo, em contrapartida com a da pragmática e, ainda, apresentamos o Funcionalismo e a Semântica Argumentativa como base teórico-metodológica a nos nortear no decorrer deste trabalho.

Ainda neste capítulo, caracterizamos os sujeitos participantes desta pesquisa, definimos os procedimentos para a coleta dos dados e apresentamos os testes para o emprego dos elementos conectores conjuntivos que foram aplicados nos informantes pesquisados.

No capítulo 4, desenvolvemos a análise dos testes aplicados nos sujeitos surdos, de acordo com os parâmetros propostos no capítulo 3, a fim de demonstrar como se deram as inserções lexicais realizadas pelos mesmos, analisamos os resultados e apresentamos as considerações parciais.

No último capítulo, o quinto, apresentamos as conclusões a que chegamos no decorrer deste estudo, propondo um direcionamento possível para o ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos, através de ações que podem contribuir para o êxito do processo ensino-aprendizagem. Discorremos acerca das contribuições que este poderá legar a outros que se interessem pelo assunto, a sua importância para o meio acadêmico, assim como as perspectivas que abre para novos trabalhos.